

# A Espera

Eliane Ganem

## Prefácio

**A Espera** tem o ritmo dos contos extensos, a intenção do registro de uma época que assisti desde pequena. De uma Ipanema onde cresci, de um Rio que sempre amei. Tem a dilaceração e a incompreensão do personagem que assiste à sua própria história sem poder interferir diretamente. Tem o ritmo do progresso, a constatação de que o sonho é coletivo e muitas vezes determinante e definitivo.

**A Espera** conta a história de muita gente que viveu no espaço pequeno e descontraído da zona sul do Rio. Mais do que um registro, na verdade, é um depoimento, uma tentativa de mostrar para as novas gerações que o mundo nem sempre foi aquilo que hoje conhecemos. Conta um pouco a história de uma Ipanema desabitada, do início do século passado, e como o bairro paulatinamente veio sendo ocupado. Conta um pouco da história de Copacabana, a construção dos enormes prédios, a transformação urbana ocorrida a partir do início do século passado e como adotamos – em meio às grandes descobertas – a revolução dos costumes até os dias atuais.

É um texto que fala da gente, dessa ponte invisível entre as gerações dos nossos pais e a geração dos nossos filhos e netos. Fala também das nossas conquistas e das nossas inquietações diante de um mundo que se transforma, diante da imensidão das novas possibilidades tecnológicas, diante da necessidade humana em busca da felicidade. Mas fala principalmente do descaso, da luta incessante dos meninos de rua, da luta miserável dos abandonados, dos ignorantes e também a tristeza do confronto social, que tem deixado vítimas por todos os lados. Fala de uma classe média abatida e desmoralizada. Fala dos valores morais que se perderam nostalgicamente num passado recentemente abandonado. E fala fundamentalmente da falta de amor – esse artigo luxuoso, deixado de lado por uma sociedade que privilegia os bens materiais. E é claro que uma sociedade baseada na miséria, teria que realmente privilegiar exatamente aquilo que lhe falta – os bens materiais.

De qualquer forma, **A Espera** é um documento honesto escrito apenas com a intenção de suscitar a reflexão nas gerações que desconhecem essa parte da nossa história.

Eu sei que o mar está calmo hoje. Agitado estou eu a ver navios que não passam. Como o tempo é grande e eu pequeno, estou aqui sentado em frente ao mar contando a minha história pra mim mesmo.

Não tenho o hábito de fazer isso, mas tenho andado velho ultimamente. A morte levantou seu nariz empinado pro meu lado outro dia. Só não morri graças às invenções dos médicos. Se fosse outra época, outro destino, não havia sobrado nada de mim que não fossem restos. Por isso estou aqui rabiscando na areia muitos desenhos, jogando palavras no vento, esperando alguém que possa ouvir o que trago guardado dentro.

Já não me batem os dentes como antigamente. Há como que uma calma proposital, alguma coisa serena que me abraçou l'atrás, quando eu fiz meus setenta. Foi o dia que desliguei a televisão pra sempre e saí em busca do mar. Agora passo horas aqui olhando a areia que surfa por sobre as ondas, pontilhando branco nesse azul eterno que me conforta. Já, sou bastante velho pra quem é tão jovem. Mas não tão velho que não possa ser comparado a uma bola de gude que rola, rola, por tantas mãos. Meu nome de batismo é Jorge, mas muitas vezes me senti Antenor, José e até Marly, numa certa operação de próstata. Pensei que havia virado mulher. Não virei, mas em mim aconteceu alguma magia, se também das mulheres me esqueci pra sempre.

É claro que tenho minha família. Filha e netos que vêm à minha casa uma vez por mês. Minha mulher ficou l'atrás, naquela mesma calma que me aconteceu. Seu nome era Virgínia, mas morreu. Tive outras mulheres além dela, mas nenhuma foi tão amiga e companheira. E por incrível que pareça não é dela que quero falar. Quero falar do mar e um pouco dos homens que viveram comigo. Houve um tempo, se bem me lembro, em que fui pequeno, um menino. Nessa ocasião meu nome nunca foi tão Jorge. Gostava de ser chamado, amparado, lambuzado pelos beijos compridos da minha mãe, meu pai e minhas tias. Morávamos num castelinho que existia na beira do mar de Ipanema. Não havia quase ninguém por aquelas bandas. Mas havia o castelo e o mar forte que batia como onda na embarcação. Nem rua direito havia. Apenas uma picada de areia que

desembocava no nosso portão. Nasci assim, como se fosse festa a infância toda, como se o mundo brindasse a cada onda que explodia, a alegria de me ter aqui. Tanto acreditei nisso, que não sei se por coincidência ou por irreverência sempre que em frente do quartel nossa família passasse, as cornetas desandavam em toque solene. Meu pai mais que depressa dizia em meu ouvido, Vê, Jorge, até as cornetas tocam pra te receber! Me sentia tão aceito e tão amado pelo mundo inteiro, que cresci suave como uma andorinha.

Era uma espécie de Quinta plana, à beira da maresia que nos impregnava de um sabor bem tropical. No curral havia algumas vacas, os porcos eram criados e depois assados nos fartos repastos da nossa família. E eram tantos os primos, as brincadeiras, que não sobrava tempo para divertimento extra que minha mãe improvisava. Havia tanta alegria no ar que eu jamais pude desconfiar da doença que a maltratava. Mas durou muito a minha velha. Morreu curada da doença antiga, morreu de velha. Não que estivesse cansada de rir. Mas chorar jamais vi em seus olhos miúdos um pingo de água que não fosse colírio. Nem mesmo quando meu pai morreu ela chorou. Pelo contrário, riu como quem diz *essa é muito boa* e depois, ainda surpreendida, declarou de mãos na cintura, *mas que peça ele nos pregou*. E não se falou mais nisso. Contando assim pode parecer que não se dava valor à vida. Muito pelo contrário. Enquanto estivéssemos vivos a vida era celebrada. Mas se a morte tivesse sido de morte morrida e não de morte matada, entrava nas nossas vidas como parte da família. Já o mesmo não acontecia se fosse morte matada. Como o meu tio Joaquim que resolveu ficar rico. Saiu de madrugada levando comida e facão e se internou lá no meio do Mato Grosso pra catar ouro. Dois meses depois foi tido como morto pelos garimpeiros. Meu pai não conversou, foi atrás do meu tio e só descansou depois de botar os assassinos na prisão. Meu pai só não virou herói porque naquela época lugar de assassino era mesmo na prisão. Mas isso foi há muito tempo. Minha mãe e minha tia saíam todos os dias pra pescar. Estranho, né? Meu pai ia à cidade trabalhar sempre depois de ter ajudado a tirar o leite das vacas, a colher alguns legumes na horta, a examinar o tamanho do ovo que os empregados pegavam debaixo das galinhas. E elas iam pescar. Jogavam a pequena rede e no que jogavam, os peixes pulavam como se dissessem, *agora é minha vez*. Depois sentavam na areia e

descamavam todos. Uma parte era pros empregados levarem pra casa deles. A outra parte era comida no almoço e no jantar. Era peixe que não acabava mais, e se mais família tivesse todas elas teriam sido premiadas pelas boas graças das mulheres. Menos quando o vento soprava. As longas saias que antes descansavam na areia fugiam em direção às pedras. Grandes redemoinhos de minúsculos sólidos batiam no rosto, nas pernas, como navalha enferrujada, por isso corriam todas lá pra dentro, dizendo: - Deixa o vento passar que a gente pesca. Às vezes durava semanas o barulho eterno do vento. E não sei se por acaso ou sintonia, o vento batia sempre na época da desova. Por isso havia tanto peixe depois, na calmaria. Tanto peixe e tanta paz. Viver sempre me deu uma sensação esquisita. Luz demais, seria esse o termo. Como se antes da vida não tivesse luz, e aqui esse exagero, esse resplendor que me cegava, mas também me iluminava, menino ainda. Por isso, à noite era como se eu voltasse pra trás, pra minha não vida e me recolhesse baixinho por entre as saias da minha mãe e as pernas do meu pai. E eles, também recolhidos, em mim abraçavam meu pequenino corpo e se entregavam às novidades, aos casos do dia-a-dia. O efeito passava à medida que eu ouvia o som de suas vozes e o ar punha-se a brincar com as sortidas sombras multicoloridas do lampião e o cheiro de azeitonas molhadas. Espichavam todos o corpo na varanda depois do jantar e meu pai contava as histórias mais bonitas que se podia ouvir ali, pra meninada. Rafles, o ladrão de casaca e os casos de Sherlock Holmes.

Não houve desperdício de vida. É como se todos aqueles com quem convivi na minha infância tivessem a sabedoria do tempo. Nada foi desperdiçado. Nenhuma lamúria, nenhuma raiva, nenhuma briga, nenhum cansaço, nenhum descaso, nenhuma dúvida. Pareciam mais deuses do que gente, se é que minha memória não está sendo por demais complacente. Mas acho que não. Havia como que um pacto de vida muito forte. Talvez o mar provoque isso. E uma certeza precisa de que todo momento aqui é uma dádiva divina. Se bem que religião não tinham. Talvez por isso fossem tão felizes. Mas havia alguma coisa mais forte ali que qualquer religião. Era a presença de Deus vivo. Nos peixes, no mar, nos animais, nas plantas, na maria-farinha, nos tatuís, ah...tantos tatuís..., nas pedras, nos rochedos, nos pássaros e neles mesmos. Deus estava vivo ali, como se aquele

pequeno recanto onde morávamos fosse seu altar mais precioso, o seu toque de beleza, o seu jeito de falar do amor.

Me lembro até da amarelinha que o vento teimosamente apagava enquanto a gente pulava na areia. E das cantigas de roda, que a gente improvisava lá fora nas noites de luar. Uma roda grande, gente de todas as idades que descia do povoadinho e das pequenas casas. Como se a casa do meu pai fosse o centro do universo, os olhos se voltavam para além da corrida na areia. Espera um pouco, que a gente tá chegando. Ei, Seu Onório, bota mais lenha nessa fogueira e espera que a noite é menina, que menina é a espera. Espera! Não começa sem a gente. Nas noites de São João. Nas noites frias de quentão e caldo verde. Bandeirinha enfeitando as rodas das raparigas vestidas de sinhá-moça. Gente de toda cor misturada. Até da cor do Seu Xixi, o japonês da venda perto do Bar 20, que era o nome que a criançada chamava. O nome pegou, e de Xixi pra Cocô foi quase um pulo, não fosse a ameaça de meu pai de não contar mais história se a gente não parasse com aquela história de desrespeitar o homem. Mas Seu Xixi não ligava, coisas de criança, eu entendo. Não ligo não, Seu Onório. Mas não eram só nas noites de São João, as cantigas. Havia sempre roda, mais que amarelinha que adulto não gostava de pular. Fogueira pra esquentar, cantiga pra namorar e namorar como pretexto pra olhar as estrelas por sobre a cabeça da gente como grinalda de noiva. Nas noites de chuva não tinha história. Ninguém aparecia, só os de casa que reunia quase uma dúzia e meia, dezessete escravos de Jó, jogavam o caxangá, tira, bota, deixa o Zé Pereira entrar, guerreiros com guerreiros fazem zig-zig-zá. Guerreiros com guerreiros fazem zig-zig-zá. Primeiro com moedas, o barulho ritmado das mãos, e depois com o corpo, os pés batendo no chão como os militares, exatamente igual quando a gente brincava de passar em revista o meu batalhão. Era uma dança aquilo, uma dança que colocava cada um de nós ao lado do outro, o corpo esticado, os olhos grudados nos sorrisos, nos risos, nos encontros das mãos. Eu não tive irmãos, mas tive primos que sempre me pareceram mais irmãos do que se eu os tivesse. Na nossa casa morava a irmã da minha mãe, casada com tio Joaquim, e a irmã do meu pai, casada com tio Gonçalves. Dos dois casamentos nasceram cinco filhos - Luiz, Terezinha, Marquinho, Carlos e Alice. Dois do tio Joaquim e três do tio Gonçalves. De empregado havia o Zeca, a

Tininha, o Bastião e o Inté. Tudo morava perto, menos Tininha que morava com a gente. Só que de noite, chovendo, ninguém ia embora pra casa. Ficava lá tudo sentado brincando. E era bom demais passar em revista o meu batalhão com eles sentados na sala.

Nunca consegui entender porque moravam todos juntos. Meu pai dizia que era por causa do castelo, que a gente não tinha tanto dinheiro pra manter ele sozinho. Depois porque é muito grande, tem doze quartos. Um casarão desse tamanho só pra família grande, que vender eu não vendo se foi a gente que construiu pra morar.

Mas na verdade mesmo, eu achava que eles moravam juntos pra fazer farra. Farra não é sacanagem, que era tudo respeitador e parecia gente bem casada. Mas farra de viver junto, de dividir os trabalhos de casa, a cria dos filhos, as preocupações e os negócios. Ficava tudo mais leve. Tinha sempre alguém tomando conta das crianças enquanto o outro dormia. Ou tinha gente fazendo comida enquanto o outro cuidava das galinhas. E eram de conchas os enfeites da casa. As redes do mar, os colares e os brincos que as mulheres usavam. As crianças escolhiam as conchas, catavam pela cor, pelo enroladinho mais perfeito, a concavidade mais redonda, pelo som do mar. Que nem ostra, a pérola mais preciosa era a que escorria pela goela a dentro e depois virava cinzeiro perto do sofá. Cada ostrona!, que quase me cabia dentro. Me lembro bem, se com o passar dos anos tudo ficou mais reluzente, mais perfeito, cada detalhe, cada afresco da casa, o deserto da praia. Nasci em 1917. Nessa época, dói pensar, tudo era um imenso areal super-transparente. A Praça Nossa Senhora da Paz, que não existia, havia sido loteada pra venda. A Epitácio Pessoa era Avenida Ipanema e a Praça General Osório se chamava...como é que era mesmo o nome? Vianna de Castro? Não! Não! Ferreira Vianna!!

Havia apenas um único bonde que ligava Ipanema ao mundo. Primeiro ligaram o centro da cidade até o Forte Copacabana, depois até a Praça Ferreira Vianna, e só mais tarde estenderam até o Bar 20, que era o nome de um boteco que havia no final da Avenida Ipanema. Onde Ipanema acaba e começa o Leblon há um canal. Havia o mesmo canal também naquela época, mas não havia ainda o nome de jardim de Alá. Mas, na verdade, Deus estava ali presente. Tantas garças, tanta beleza em cada pé do areal, que chamar aquele lugar de Jardim de Deus não era fantasia nem força de

expressão. Deus morava lá e costumava sempre dar uma esticadinha no único boteco da região - o Bar 20. E ficava lá contando caso até de madrugada, que Deus bêbado fala mais que sogra despeitada. Meu pai ia de vez em quando até o Bar 20 conversar com o japonês. Perguntar como é que ele acabava com as pragas que estavam castigando o pomar. E se não tinha praga, assim mesmo lá ia ele, a cavalo, devagar, que até o bonde chegar a vontade de ir passava. Uma vez meu pai me contou a história. Todas essas terras, meu filho, de onde teus olhos alcançam até onde não alcançam foram do Conde de Ipanema, que tinha por esses lados uma porção de minas de ferro. Agora, tudo loteado, uma parte já foi à venda e a outra parte ainda está nas mãos do filho do conde, o Barão de Ipanema. Não sei exatamente o que ele pretende, mas é terra muito bonita pra ser assim esfacelada e vendida como se fosse torrão de açúcar.

Pobre pai, mal sabia ele. Ou, quem sabe, talvez soubesse. Não soubesse de cabeça, mas de coração, que terra esfacelada e vendida não tem a permissão de Deus. Que se terra fosse pra ser vendida, a gente não recebia de graça.

O dia mais feliz da minha vida foi quando andei de bonde pela primeira vez com o meu pai. Saímos cedo em direção à cidade. Ele lá em cima, brilhante, com sua roupa de casemira inglesa e eu ainda um franguinho a ser criado. Havia um sol forte que tornava tudo ainda mais exuberante. A felicidade tem um tom amarelo-rosado que sempre me estonteia. Nesse dia parecia que o orvalho da manhã tinha tingido mais fortemente ainda as cores daquele novo cenário. Sair da praia, deixar o mar que eu conhecia, era pra mim o mesmo que me aventurar pelo mundo, sem a aspereza da areia e o molhado do ar. Estava seco na cidade assim que chegamos. Naquela época, tudo descampado, a brisa sempre rolava frouxa e o calor, por pior que fosse, dificilmente chegava a quarenta graus. Havia muita gente trabalhando no escritório do meu pai. Uma lembrança difusa, se bem que uma certa solicitude havia nas ruas enquanto as pessoas se cumprimentavam. Mas a aventura maior foi realmente o bonde, o jeito macio de me ninar como se eu houvesse sido criança de longa data, tão pra sempre isso me marcou. Até hoje, quando subo Santa Teresa é aquele bonde que eu pego, e meu pai, rindo ao meu lado, Sabe, Jorge! o nome é ceroulas!! - Ceroulas, pai?

-É, bonde de ceroulas!

-Por quê?

-Porque é um bagageiro todo coberto com capas de linho branco. não vê?

-É mesmo!

Foi tanta alegria que não sei se o que via tinha o enfeite do sonho. Mas o bonde ia passando e parando de porta em porta, a sineta tocando alegre. Às vezes parava mais tempo, esperando pacientemente Seu Aristides acabar de tomar o café, ou o Juvêncio acabar de palitar os dentes. Todos sorridentes acenavam para o motorneiro, como se nas mãos dele girasse a roda dos que se aventuram pela vida afora, dos que se desapegam das raízes e se soltam por terras ainda desconhecidas.

Nem mesmo sacudindo a cabeça essa lembrança se vai. Parece que dentro de mim há sempre um bonde que me leva. Se vou de carro ou de ônibus, tanto faz, se o barulho que recordo é sempre aquele dos meus mais pequeninos anos. Mesmo tendo sido feliz como fui muitas vezes, o gosto da felicidade passou a ter o mesmo cenário, o cheiro de mato pisado, meu riso de criança, o rosto do meu pai.

Dos meninos, o que eu mais gostava era do Marquinhos. E a Teresinha, que não era de Jesus, tinha um olhar de horizonte, um olhar longe, com um traçado infinito entre o céu azul e o azul do mar. Era por ela que meu coração sorria. Um dia o mar parecia meio de ressaca, mas eu estava tão acostumado a nadar que não me importei. Tinha então quase doze anos. Entrei, fui nadando naquele mar tão meu. De repente não conseguia voltar. Ondas enormes me puxavam, mais a correnteza enviesada que quase torcia meu corpo dentro d'água, me obrigava a mergulhar, já perdendo o fôlego. Na praia, no terraço não havia ninguém. Estavam todos dentro de casa, e por mais que eu acenasse não seriam as gaivotas da areia que iriam me buscar. Me senti sem forças, meio tonto de tanto esforço. Me lembrei do meu pai, não lutei mais, deixa, Jorge, que a correnteza leva, não adianta lutar contra o mar. Sem paciência você se afoga. Calma. Boiei por algum tempo, mas me sentia cada vez mais distante da areia. Não havia a menor possibilidade de voltar. Procurava me acalmar dentro d'água. Tentei então desesperadamente retornar. Parecia impossível. Por trás percebi que alguém nadava em minha

direção. Era o Inté. Trouxe uma corda, amarrou na minha cintura e veio puxando. Eu já não tinha forças pra nada. As ondas vinham, Inté mergulhava, me puxava e ia trazendo de volta. Já perto da areia encaixotamos os dois. Quando chegamos me abracei a ele. Fiquei um tempão sentindo a força que vinha dele. Passei então a adorá-lo como meu ídolo maior. Ele era bonito e forte. Um rapaz não muito mais velho do que eu. O nome dele era outro, mas o apelido pegou na despedida, inté outro dia, inté mais tarde. A gente ria.

A partir desse dia, quando meu pai contava história, o rosto do herói que eu via tinha os mesmos traços do Inté. Crescemos juntos os seis até meus catorze anos. Carlos era o mais velho, Luiz o caçulinha. Foi quando a irmã de meu pai morreu. Nem bem passou um ano, tio Gonçalves casou outra vez e foram todos morar no Tijuco. Me separei do Marquinhos, da Terezinha e do Luiz. Carlos e Alice ficaram comigo, mas não era a mesma coisa. Nos meus doze anos peguei o hábito de fugir pra Lagoa. Ninguém de casa sabia, só o Inté. Saía eu e Marquinhos logo depois do almoço. A gente percorria o imenso areal catando conchas, se escondendo no mato rasteiro que nos levava até à borda daquele imenso lago de sal. Não me lembro do nome da Lagoa Rodrigo de Freitas, acho até que nem nome tinha. A não ser o nome que os pescadores botaram. Moravam num barraco nas imediações o seu Assunção e dona Zefa, por isso aquelas bandas tinham o nome de lagoa do Assunção. Mas a casa ficava tão longe do lugar que a gente ia, que quase não dava pra ver. Havia muito siri na lagoa, a gente catava e ali mesmo cozinhava com gravetos secos e comia. Havia também boato - que a gente acreditava - em noite de lua cheia a lagoa chupava da borda todo o areal. Por isso minha mãe proibia nossa ida praqueles lados, a lagoa se alimentava dos restos que encontrava em torno dela. Uma espécie de lenda, inventada talvez pelos pescadores, no intuito quem sabe de preservar a lagoa, borbulhante de vida e mistério.

Quando Marquinhos se foi lá de casa, a lagoa se foi também. Nessa época, a escolinha que eu freqüentava já estava pequena demais. Meu pai quis que eu freqüentasse a Escola de Comércio do Largo da Carioca. Passei então a ir pra lá todo dia no carro do Xandico. Aliás, o carro do Xandico era um acontecimento. Era o único barulho que ouvíamos em toda Ipanema. De muito longe a gente já

sabia que era o Xandico chegando, tal o estardalhaço que fazia mais a fumaceira que saía dos canos.

Foi quando conheci Lourenço. Tinha então catorze anos, ele mais que trinta. Era meu professor de Letras e Filosofia. Tinha um ar tão sonhador, que logo me enterneci por ele. Alguma coisa de Terezinha, talvez, me fez gostar dele como se fosse mais que um simples professor. Talvez o mesmo olhar azul de horizonte, não sei. Eu era o mais jovem da turma, por isso talvez fizesse questão de ser o mais brilhante. Lourenço percebia, eu acho, já que com inteira disponibilidade me cercava de redobrada atenção. Sempre lia as minhas dissertações em voz alta, o que me fazia corar de satisfação. Hoje eu sei que o pouco que sei de mim veio dessa época. Descobri em meu ser um verdadeiro poeta. Não um poeta da escrita, que eu não sei escrever. Mas um poeta da vida. Alguém que é capaz de sentir a vida. Descobri que a flecha pra ser certa precisa de um bom arco. Nunca fui flecha, minha intenção jamais foi o alvo, mas suporte para que outros alcançassem o alvo desejado. Me identificava mais com o arpão, que feito de fina trança se torna maleável e projeta-se sem temor à frente e vibra incessante nas mãos dos grandes guerreiros ou dos homens especialmente comuns. Por isso a minha paixão por Flaubert. Li a Educação Sentimental como se Paris fosse o cenário da minha infância não mais delineada pelas areias descampadas da Villa de Ipanema. É como se Paris agora habitasse a minha casa. Como Frédéric Moreau (\*), eu também delineava os primeiros passos de uma juventude desanimada, extremamente inteligente e forte, a ponto de conceber um ideal, mas sem a atitude do alvo, sem a vontade da realização.

Pouco me adiantaram as aulas sobre o que se passava com a revolução russa. Não me interessava pelos russos e pelas idéias de Marx. Era Flaubert agora minha verdadeira paixão. Depois da primeira guerra mundial o mundo passou por um silêncio de inovação. Mentes poderosas pipocavam na Europa, em quase todos os cantos escondidos do planeta. Havia como que uma efervescência espiritual, como se absorvêssemos do universo uma quantidade tão exuberante de informações, que poucos se davam conta da multiplicidade de efeitos que isso poderia estar acarretando.

Na verdade, Lourenço se misturava à figura de Flaubert. Para mim, um e outro eram a mesma coisa. A juventude burguesa no final

do século XIX e início do XX tinha bastante semelhança. Um certo temperamento romântico frustrado, ansiando sempre por alcançar o inalcançável, ansiando sempre o prazer do sonho no lugar do simples ato de viver.

Ficava no passado então a simplicidade da minha vida de criança. Queria ousar novas investidas, conhecer Paris, o mundo, a vida das grandes cidades. Olhar a névoa do sonho como se fosse verdade sentida, nadar agora não mais no mar de Ipanema, mas nas águas menos transparentes do meu desejo de me fazer homem.

Passei a freqüentar a Colombo. Todos os dias, após as aulas, Lourenço e eu, Paulo e Alexandre sentávamos lá. E não era de chá o nosso lanche. Mas umas gotas de conhaque no chocolate fumegante que me era servido. As primeiras cigarrilhas quem me deu foi Lourenço. Me sentia um homem mal dormido depois de duas tragadas. Mas era elegante fumar ao som do piano que tocava, longas baforadas captadas nos imensos espelhos do bar.

Algumas casas ainda se conservam. A *Cavé*, a antiga *Cavé*, os casarios do Largo da Carioca, de onde quase se via por detrás da Avenida, o mar. Algumas casas no castelo davam um ar de certo requinte ao comércio do centro da cidade. Elegantes mulheres faziam compras, quase sempre acompanhadas das amas, que também eram elegantes. Não fosse pela cor, não saberia quem era a dama, tal a displicência com que as duas olhavam os comerciantes, apalpavam com interesse acentuado as mercadorias. E riam de vez em quando uma pra outra, como se tivessem segredos escondidos por entre as roupas.

Poucos eram os carros e alguns bondes. Um certo murmurinho no mesmo ritmo tomava conta do ar no centro da cidade. Vez ou outra um barulho maior nos assustava. Além do carro do Xandico, muitos outros engasgavam, como os bebês que vomitam ainda desprovidos do controle total de suas vísceras. Assim eram os novos carros, recém-nascidos da invenção dos grandes homens, circulavam titubeantes por entre antigos cavalos.

Olhávamos com certo preconceito os que ainda usavam os coches. E eram bem poucos os que se atreviam a manter os mesmos hábitos. Havia um vapor de modernidade que nos projetava à frente, como se o futuro fosse a maior descoberta em meio às inovações. Estávamos em 1931. A Semana de Arte Moderna já havia acontecido.

É como se o Brasil despontasse no esplendor de uma puberdade bem-sucedida.

A Villa de Ipanema também se transformava. Muitas casas agora se apinhavam ao longo da Avenida Vieira Souto. Muitos postes de luz e telefone foram erguidos ao longo da avenida asfaltada. Pode-se dizer que Ipanema nasceu comigo e nos catorze anos que se seguiram se tornou civilizada.

A vinda de José de Ipanema, filho do Barão de Ipanema, para perto de nossa casa, colocou ainda mais requinte nos arredores. Víamos sempre suntuosos carros que passavam e um certo movimento exagerado que nos tirava a tranqüilidade. Mas, de qualquer forma, eu não ligava mais pro requinte. Começava a saborear um certo descaso pelos bem-sucedidos.

Passei a freqüentar com Lourenço alguns saraus. Havia como que um jeito Castroalveano nos seus bigodes. Queria morrer tísico, se é que ia morrer um dia. Uma vez confessou que duvidava que a morte existisse. A gente simplesmente desencanta e acorda em outro universo mais bonito. Eu ria, achava incompreensível aquela metafísica de boteco.

E recitava Castro Alves como ninguém. Era épico quando estava rodeado por mulheres. *Oh, Deus, onde estás que não me respondes, em que mundo em que estrela tu te escondes*, e imediatamente emendava com Augusto dos Anjos, *tome um fósforo, acenda o teu cigarro, o beijo, amigo, é a véspera do escarro*. E fazia sucesso. Um sucesso que eu não ousava invejar, e que todos os alunos que circulavam em torno dele aplaudiam, tornando-o ainda mais atraente.

Dos catorze aos dezoito anos estive diariamente com Lourenço. O curso na Escola de Comércio era muito pesado. Precisei estudar contabilidade, datilografia e português com bastante seriedade. De qualquer forma, a matemática me deslumbrava. Tinha uma queda especial por números, complexas fórmulas se tornavam simples. Um certo dom para cálculos, o que me valeu mais tarde nos negócios que desenvolvi.

Com dezessete conheci Odette. Era a coisinha mais linda que eu jamais havia encontrado. Assim, conheci na rua. Um carro havia enguiçado em frente à escola. Um senhor de amplos bigodes retorcidos empunhava uma chave de fenda como se empunha uma espada. Esbravejava contra o carro, batia com os pés nos pneus

como se eles fossem animais prontos a obedecer a seu mando. Não parecia um senhor, mas um condutor de jumentos. Se chicote tivesse teria ensolapado o carro com seu furor. Odette estava sentada na poltrona de trás. Os seus olhos negros, extremamente negros e brilhantes, suplicavam em minha direção. Ajudei o velho. Com a chave de fenda, não sei ainda por que encantamento, apertei alguma coisa qualquer que parecia frouxa. O carro pegou. Fui então convidado pelo distinto senhor a tomar chá com eles no dia seguinte à tarde. Esse foi o meu primeiro encontro de amor.

Me apaixonei por Odette. Extensas cartas eu lhe escrevia, depois rasgava. Nada me parecia convincente. Em frente ao mar de minha casa eu sentava, e escrevia. Realmente, não tinha o sangue fervente do escritor. Mas o amor me consumia a tal ponto, que quase nada fazia sem pensar em Odette. Lá estava ela, sempre lá, por detrás das contas de somar, no meio do pomar, no assento de trás do carro do Xandico. Até Lourenço parecia mais envelhecido por causa do frescor do rosto da amada.

***Gostou? O resto  
você descobre  
encomendando  
o livro em pdf.***